

ALBERTO MANGUEL

Uma história natural da curiosidade

Tradução

Paulo Geiger



Copyright © 2015 by Alberto Manguel
c/o Guillermo Schavelzon & Asioc., Agencia Literaria
www.schavelzon.com

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Curiosity

Capa

Thiago Lacaz

Foto de capa

Canto 1 — Partida para a grande viagem, c. 1960, xilogravura de Salvador Dalí. Dallas, Texas, Museu de Arte de Dallas. Cortesia de Lois e Howard B. Wolf. Bridgeman Images/ Keystone Brasil © Salvador Dalí, Fundação Gala-Salvador Dalí/ AUTVIS, Brasil, 2016.

Preparação

Frederico Ventura

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Angela das Neves

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manguel, Alberto

Uma história natural da curiosidade / Alberto Manguel : tradução Paulo Geiger. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: Curiosity
ISBN 978-85-359-2770-2

1. Crítica literária 2. Literatura – Apreciação 3. Manguel, Alberto – Livros e leitura 1. Título.

16-04890

CDD-814

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaios : Literatura canadense em inglês 814

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Introdução	11
1. O que é curiosidade?	25
2. O que queremos saber?	51
3. Como raciocinamos?	75
4. Como podemos ver o que pensamos?	95
5. Como nós perguntamos?	119
6. O que é linguagem?	151
7. Quem sou eu?	177
8. O que estamos fazendo aqui?	201
9. Qual é o nosso lugar?	223
10. Em que somos diferentes?	245
11. O que é um animal?	269
12. Quais são as consequências de nossas ações?	291
13. O que podemos possuir?	311
14. Como podemos pôr as coisas em ordem?	335

15. O que vem em seguida?	359
16. Por que as coisas acontecem?	385
17. O que é verdade?	405
<i>Agradecimentos</i>	428
<i>Notas</i>	431
<i>Índice remissivo</i>	471

1. O que é curiosidade?

Tudo começa com uma viagem. Um dia, quando tinha oito ou nove anos, em Buenos Aires, eu me perdi quando voltava da aula para casa. A escola era uma das muitas que frequentei em minha infância, e ficava a pouca distância de nossa casa, numa redondeza arborizada do bairro Belgrano. Então, como agora, eu me distraía facilmente, e todo tipo de coisa atraía minha atenção enquanto caminhava de volta para casa vestindo o uniforme branco engomado que todas as crianças da escola eram obrigadas a usar: a mercearia da esquina que, antes da era dos supermercados, tinha grandes barris de azeitonas salgadas, cones de açúcar embrulhados em papel azul-claro, latas azuis de biscoitos Canale; a papelaria com seus cadernos patrióticos ilustrando os rostos de nossos heróis nacionais e prateleiras nas quais se alinhavam as capas amarelas da coleção Robin Hood para crianças; uma porta alta e estreita com um vitral em formato de losango que às vezes era deixada aberta, revelando uma área interna escura onde um manequim de alfaiate enlanguescia misteriosamente; o gentil vendedor, um homem gordo sentado numa esquina sobre um

minúsculo banquinho, segurando, como uma lança, suas mercadorias caleidoscópicas. Em geral, eu fazia o mesmo caminho para voltar da escola, contando os pontos de referência à medida que passava por eles, mas naquele dia decidi mudar o percurso. Depois de alguns quarteirões, percebi que eu não conhecia o caminho. Estava envergonhado demais para pedir informações, e assim fiquei vagando, mais espantado do que assustado, pelo que me pareceu um longo tempo.

Não sei o motivo de ter feito o que fiz, exceto o de querer experimentar algo novo, seguir quaisquer pistas que pudesse encontrar para mistérios ainda não apresentados, como nas histórias de Sherlock Holmes, que tinha acabado de descobrir. Queria deduzir a história secreta do médico com a bengala surrada, revelar que as pegadas das pontas dos pés na lama eram de um homem que corria para salvar sua vida, perguntar a mim mesmo por que alguém usaria uma barba preta bem tratada que indubitavelmente era falsa. “O mundo está cheio de coisas óbvias que ninguém, em circunstância alguma, jamais observa”, disse o Mestre.

Lembro-me de ter ficado consciente, com um sentimento de agradável ansiedade, de que estava entrando numa aventura diferente das que havia em minhas prateleiras e de ter experimentado algo com o mesmo suspense, com o mesmo desejo intenso de descobrir o que havia adiante, sem ser capaz de (sem querer) prever o que poderia acontecer. Senti como se tivesse entrado num livro e que estava a caminho de suas últimas páginas ainda não reveladas. O que exatamente eu estava procurando? Talvez tenha sido então que pela primeira vez concebi o futuro como um lugar que mantinha juntos todos os remates de todas as histórias possíveis.

Mas nada aconteceu. Finalmente dobrei uma esquina e me vi em território familiar. Quando finalmente vi minha casa, senti um desapontamento.

Mas nós seguramos vários fios em nossas mãos, e a probabilidade é que um ou outro deles nos guie até a verdade. Nós podemos perder tempo seguindo o fio errado, porém, mais cedo ou mais tarde, devemos chegar ao certo.

Sir Arthur Conan Doyle, *O cão dos Baskerville*

Curiosidade é uma palavra com duplo sentido. O dicionário etimológico espanhol de Covarrubias, de 1611, define *curioso* (assim como em italiano) como uma pessoa que trata alguma coisa com um cuidado e uma diligência especiais, e o grande lexicógrafo espanhol explica sua derivada *curiosidad* (em italiano, *curiosità*) como resultante, porque “a pessoa curiosa está sempre perguntando ‘Por que isso e por que aquilo?’”. Roger Chartier observou que essas primeiras definições não satisfizeram Covarrubias, e, num suplemento escrito em 1611 e 1612 (que permaneceu inédito), ele acrescentou que *curioso* tinha “um sentido tanto positivo quanto negativo. Positivo, porque a pessoa curiosa trata as coisas com diligência; e negativo, porque a pessoa trabalha para esquadrinhar coisas que são as mais ocultas e reservadas, e que não têm importância”. Segue-se, aqui, uma citação em latim de um dos livros apócrifos da Bíblia, o Eclesiástico (3,21-2): “Não tente compreender coisas que são difíceis demais para você, ou tente não descobrir o que está além de suas forças”. Com isso, segundo Chartier, Covarrubias abre sua definição à condenação patrística e bíblica da curiosidade como o desejo ilícito de conhecer o que é proibido.¹ Dessa natureza ambígua da curiosidade, Dante certamente tinha ciência.

Dante compôs quase toda, se não toda, *A divina comédia* quando estava no exílio, e o relato de sua poética peregrinação pode ser lido como um esperançoso espelho de sua peregrinação forçada na terra. A curiosidade o conduz, no sentido de Covarru-

bias de tratar as coisas “diligentemente”, mas também no sentido de procurar saber o que está “mais oculto e reservado” e que jaz além das palavras. Num diálogo com seus guias do Outro Mundo (Beatriz, Virgílio, são Bernardo) e com as almas danadas e as abençoadas que ele encontra, Dante deixa que sua curiosidade o leve até o inefável objetivo. A linguagem é o instrumento dessa curiosidade — mesmo quando ele nos diz que a resposta a suas perguntas mais candentes não pode ser pronunciada pela língua humana — e sua linguagem pode ser também o instrumento da nossa curiosidade. Dante pode atuar, em nossa leitura de *A divina comédia*, como uma “parteira” de nossos pensamentos, como uma vez Sócrates definiu o papel daquele que busca o conhecimento.² *A divina comédia* nos permite dar à luz nossas questões.

Dante morreu no exílio, em Ravenna, em 13 ou 14 de setembro de 1321, depois de ter registrado nos últimos versos de *A divina comédia* sua visão da perene luz de Deus. Tinha 56 anos. Segundo Giovanni Boccacio, Dante começou a escrever *A divina comédia* pouco antes de ser banido de Florença, e foi obrigado a abandonar na cidade os primeiros sete cantos do *Inferno*. Alguém, diz Boccacio, procurando documentos entre os papéis na casa de Dante, encontrou os cantos, sem saber que eram dele, leu-os com admiração, e os levou para serem examinados por um poeta florentino “de certo renome”, que, adivinhando serem obra de Dante, arranjou um jeito de enviá-los para ele. Sempre segundo Boccacio, Dante estava então na propriedade de Moroello Malaspina, em Lunigiana; Malaspina recebeu os cantos, leu-os e implorou a Dante que não abandonasse uma obra iniciada tão magnificamente. Dante anuiu e começou o oitavo canto do *Inferno* com as palavras: “E digo, prosseguindo, que bem antes [...]. E assim continua a história.³

Obras literárias extraordinárias parecem estar ligadas a histórias extraordinárias de sua concepção. Biografias mágicas de um

Homero fantasma foram inventadas para explicar o poder da *Ilíada* e da *Odisseia*, e Virgílio ganhou os dons de um necromante e arauto do cristianismo porque, assim pensavam seus leitores, a *Eneida* não poderia ter sido escrita por um homem comum. Consequentemente, a conclusão de uma obra-prima deve ser ainda mais extraordinária que seu início. À medida que avançava a escrita de *A divina comédia*, conta-nos Boccacio, Dante começou a enviar os cantos finalizados para um de seus patronos, Cangrande della Scala, em lotes de seis ou oito. No fim, Cangrande teria recebido a obra inteira com exceção dos treze últimos cantos do *Paraíso*. Durante meses após a morte de Dante, seus filhos e discípulos procuraram entre seus papéis para ver se ele não tinha, talvez, terminado os cantos que faltavam. Ao não encontrar nada, diz Boccacio, “ficaram enraivecidos porque Deus não lhe permitira viver no mundo o bastante para ter a oportunidade de concluir o pouco que faltava de sua obra”. Uma noite, Jacopo, terceiro filho de Dante, teve um sonho. Viu seu pai aproximar-se, vestido com uma bata branca, o rosto brilhando numa luz estranha. Jacopo perguntou-lhe se ainda estava vivo, e Dante disse que estava, mas na vida verdadeira, não na nossa. Jacopo perguntou-lhe então se tinha terminado *A divina comédia*. “Sim”, foi a resposta, “eu a terminei”, e levou Jacopo a seu velho quarto de dormir, onde, pondo a mão num certo lugar na parede, anunciou, “Aqui está o que vocês estão procurando há tanto tempo”. Jacopo acordou, chamou um antigo discípulo de Dante, e juntos descobriram, atrás de um pano pendurado, um nicho contendo escritos cobertos de mofo, que, comprovadamente, se revelariam como os cantos que faltavam. Eles os copiaram e enviaram, como Dante costumava fazer, a Cangrande. “Assim”, conta-nos Boccacio, “o trabalho de tantos anos foi levado a sua conclusão.”⁴

Esse relato de Boccacio, que hoje é considerado menos uma história factual do que a lenda imaginada por um admirador,

empresta uma apropriada moldura de magia à criação do que talvez seja o maior poema já escrito. Mas nem a interrupção inicial, cheia de suspense, nem a feliz revelação final são suficientes, na mente do leitor, para explicar a invenção de uma obra como essa. A história da literatura é rica em relatos de situações desesperadas nas quais escritores conseguiram criar obras-primas. Ovídio sonhando sua *Tristia* no inferno do exílio em Tomis, Boécio escrevendo sua *Consolação da filosofia* na prisão, Keats compondo suas grandes odes enquanto morria febril de tuberculose, Kafka rabiscando sua *Metamorfose* no corredor da casa dos pais, contradizem a suposição de que um escritor só pode escrever em circunstâncias auspiciosas. O caso de Dante, contudo, é especial.

No final do século XIII, a Toscana estava dividida em duas facções políticas: os guelfos, leais ao papa, e os gibelinos, leais à causa imperial. Em 1260, os gibelinos derrotaram os guelfos na Batalha de Montaperti; alguns anos depois, os guelfos começaram a retomar seu poder perdido, posteriormente expulsando os gibelinos de Florença. Por volta de 1270, a cidade era toda dos guelfos e assim permaneceria durante a vida de Dante. Pouco tempo após o nascimento de Dante em 1265, os guelfos de Florença se dividiram entre os Pretos e os Brancos, dessa vez segundo linhagens familiares, em vez de políticas. Em 7 de maio de 1300, Dante participou de uma delegação a San Gimignano, representando a facção Branca dominante; um mês depois ele foi eleito um dos seis priores de Florença. Dante, que acreditava que Igreja e Estado não deviam interferir um na esfera de ação do outro, se opôs às ambições políticas do papa Bonifácio VIII; consequentemente, quando foi enviado a Roma, no outono de 1301, como parte da embaixada florentina, ordenaram-lhe que permanecesse na corte papal enquanto os outros embaixadores retornavam a Florença. Em 1º de novembro, na ausência de Dante, o príncipe sem terras francês Charles de Valois (que Dante desprezava por ser agente de Boni-

fácio) entrou em Florença, supostamente para restaurar a paz, mas de fato para permitir que um grupo de Pretos exilados entrasse na cidade. Liderados por seu chefe, Corso Donati, os Pretos saquearam Florença durante cinco dias e assassinaram muitos de seus cidadãos, mandando os Brancos sobreviventes para o exílio. Algum tempo depois, os Brancos exilados passaram a se identificar com a facção dos gibelinos, e instalou-se um priorado Preto para governar Florença. Em janeiro de 1302, Dante, que provavelmente ainda estava em Roma, foi condenado pelo priorado ao exílio. Mais tarde, quando se recusou a pagar a multa imposta como penalidade, sua sentença de dois anos de exílio foi alterada para ser preso a uma estaca e morrer queimado vivo se voltasse alguma vez a Florença. Todos os seus bens foram confiscados.

O exílio de Dante levou-o primeiramente para Forlì, depois, em 1303, para Verona, onde ficou até a morte do *signore* da cidade, Bartolomeo della Scala, em 7 de março de 1304. Ou porque o novo governante de Verona, Alboino della Scalla não lhe fosse amigável, ou porque Dante pensasse que poderia granjeiar a simpatia do novo papa, Bento XI, o exilado retornou à Toscana, provavelmente para Arezzo. Durante alguns dos anos seguintes, seu itinerário é incerto — talvez tenha se mudado para Treviso, mas outros lugares nos quais também pode ter estado são Lunigiana, Lucca, Padova e Veneza; em 1309 ou 1310 pode ter visitado Paris. Em 1312, Dante regressou a Verona. Cangrande della Scala tinha se tornado, um ano antes, o único governante da cidade, e daí em diante Dante viveu ali sob sua proteção, até pelo menos 1317. Seus últimos anos ele passou em Ravenna, na corte de Guido Novelo da Polenta.

Na ausência de uma evidência documental irrefutável, estudiosos sugerem que Dante começou o *Inferno* em 1304 ou 1306, o *Purgatório* em 1313 e o *Paraíso* em 1316. As datas exatas têm menos importância que o espantoso fato de que Dante escreveu

A *divina comédia* durante quase vinte anos de perambulação em mais de dez cidades estranhas, longe de sua biblioteca, sua escrivaninha, seus papéis, seus talismãs — o supersticioso arsenal de ninharias com que todo escritor constrói um cenário de trabalho. Em aposentos que não lhe eram familiares, entre pessoas às quais devia uma polida gratidão, em espaços que, por não serem seus espaços próprios e íntimos, devem lhe ter parecido implacavelmente públicos, sempre se submetendo aos requintes sociais e às convenções dos outros, deve ter sido uma luta diária encontrar breves momentos de privacidade e silêncio para trabalhar. Como não podia dispor de seus próprios livros, com suas anotações e observações rabiscadas nas margens, seu principal recurso era a biblioteca de sua mente, maravilhosamente suprida (como o demonstram as incontáveis referências literárias, científicas, teológicas e filosóficas em *A divina comédia*), mas sujeita, como todas as bibliotecas desse tipo, aos esgotamentos e embotamentos que vêm com a idade.

Que aspecto tiveram suas primeiras tentativas? Num documento preservado por Boccacio, um certo irmão Ilario, “um humilde monge de Corvo”, diz que um dia um viajante chegou a seu mosteiro. Irmão Ilario o reconheceu, “pois embora nunca o tivesse visto uma só vez antes desse dia, sua fama já me alcançara muito antes”. Percebendo o interesse do monge, o viajante “tirou de modo bem amigável um livrinho que trazia junto ao peito” e mostrou-lhe alguns versos. O viajante, claro, era Dante; os versos, seus primeiros cantos do *Inferno*, os quais, embora os tivesse escrito no vernáculo de Florença, Dante disse ao monge que primeiro tinha pretendido escrever em latim.⁵ Se o documento de Boccacio é autêntico, isso significa que Dante conseguiu levar consigo para o exílio as primeiras poucas páginas de seu poema. Teria sido o suficiente.

Sabemos que no início de suas viagens Dante tinha começa-

do a enviar a seus amigos e patronos cópias de alguns dos cantos, que então eram frequentemente copiados e repassados para outros leitores. Em agosto de 1313, o poeta Cino da Pistoia, um dos amigos de Dante de seus primeiros anos, incluiu glosas de alguns versos de dois cantos do *Inferno* numa canção que escrevera sobre a morte do imperador Henrique VII; em 1314, ou talvez um pouco antes, um tabelião toscano, Francesco de Barberino, mencionou *A divina comédia* em seus *Documenti d'amore*. Há várias outras provas de que a obra de Dante era conhecida e admirada (e invejada e desdenhada) muito antes de *A divina comédia* ser terminada. Quase vinte anos após a morte de Dante, Petrarca menciona como artistas iletrados recitavam partes do poema em cruzamentos de ruas e em teatros, para o aplauso de fanqueiros, taverneiros e clientes em lojas e mercados.⁶ Cino, e depois Can Grande, devem ter tido um manuscrito quase completo do poema, e sabemos que Jacopo, filho de Dante, trabalhou a partir de um hológrafo para produzir uma *Divina comédia* em um volume para Guido da Polenta. Nem uma única linha escrita pela mão de Dante chegou até nós. Coluccio Salutati, um humanista e erudito florentino que traduziu partes de *A divina comédia* para o latim, lembra-se de ter visto a “escrita limpa” de Dante em algumas de suas hoje perdidas epístolas, na chancelaria de Florença; mas nós só podemos imaginar como era sua caligrafia.⁷

Como ocorreu a Dante a ideia de escrever a crônica de uma jornada ao Outro Mundo é, claro, uma pergunta irrespondível. Pode haver uma pista no final de seu *Vita nova*, um ensaio autobiográfico estruturado em 31 poemas líricos cujos significado, propósito e origem Dante atribui a seu amor por Beatriz: no último capítulo, Dante fala de uma “visão admirável” que o faz decidir escrever “o que jamais foi escrito de qualquer outra mulher”. Uma segunda explicação pode ser o fascínio, entre os contemporâneos de Dante, por contos populares de jornadas ao Outro

Mundo. No século XIII, essas viagens imaginárias tinham se tornado um gênero literário florescente, nascido talvez da ansiedade por saber o que havia além do último suspiro: revisitar os que tinham partido e saber se eles precisavam da débil sustentação de nossa memória para continuarem a existir, descobrir se nossas ações deste lado da sepultura têm consequências no outro lado. Tais questões, é claro, não eram novas nem mesmo então: desde que começamos a contar histórias, em tempos que antecedem a história, começamos a desenhar uma geografia detalhada das re-giões do Outro Mundo. Dante devia estar familiarizado com várias dessas crônicas de viagem. Homero, por exemplo, deixou Odisseu visitar a terra dos mortos em sua adiada volta a Ítaca; Dante, que não dominava o grego, conhecia a versão dessa desci-da dada por Virgílio na *Eneida*. São Paulo, na Segunda Epístola aos Coríntios (12,4), escreveu de um homem que tinha estado no Paraíso e “ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir”. Quando Virgílio aparece a Dante e lhe diz que vai guiá-lo “para lugar eterno”, Dante aquiesce, mas depois hesita.

*Mas a mim quem concede, e para quê?
Enéas não sou, nem Paulo.⁸*

O público de Dante teria entendido as referências.

Dante, leitor voraz, também devia estar familiarizado com *O sonho de Cipião*, de Cícero, e sua descrição das esferas celestiais, assim como com os incidentes do Outro Mundo em *Metamorfo-ses*, de Ovídio. A escatologia cristã o proveria de vários outros relatos. Nos Evangelhos Apócrifos, o assim chamado “Apocalipse de Pedro” descreve a santa visão dos Santos Padres passeando num jardim perfumado, e o “Apocalipse de Paulo” fala de um abismo insondável no qual são atiradas as almas dos que não têm esperança da misericórdia de Deus.⁹ Outras jornadas e visões apa-

recem em compêndios de devoção de grande divulgação, como *Legenda áurea* de Jacopo de Varazze, e o anônimo *Vidas dos padres*; nas imaginárias narrativas irlandesas das viagens de santo Brendan, são Patrício, e do rei Tungdal; nas visões místicas de Peter Damian, Richard de Saint-Victoire, e Gioachim de Fiore. E em certas crônicas islâmicas do Outro Mundo, como as do andaluz *Libro della scala* [Livro da escada], que conta a ascensão de Maomé ao céu. (Voltaremos adiante a essa influência islâmica em *A divina comédia*.) Sempre há modelos para toda nova incursão literária: nossas bibliotecas com frequência nos fazem lembrar que não existe essa coisa chamada originalidade literária.

Os primeiros versos de Dante foram, até onde sabemos, vários poemas compostos em 1283, quando tinha dezoito anos, mais tarde incluídos em *Vita nova*; a última obra foi uma conferência em latim, *Questio de aqua et terra* [Disputa entre a água e a terra], que ele apresentou numa leitura pública em 20 de janeiro de 1320, menos de dois anos antes de sua morte.

Vita nova foi terminada antes de 1294; sua declarada intenção é esclarecer o sentido das palavras *Incipit Vita Nova*, “Aqui começa a Vida Nova”, inscritas no “volume de minha memória”, e em seguida vem a sequência de poemas escritos como expressão do amor a Beatriz, que ele viu pela primeira vez quando ambos eram crianças, Dante com nove anos, Beatriz com oito. O livro é apresentado como uma busca, uma tentativa de responder a questões suscitadas pelos poemas de amor, movida por um gênero de curiosidade, diz Dante, na “elevada câmara aonde todos os espíritos sensíveis levam suas percepções”.¹⁰

A última composição de Dante, *Questio de aqua et terra*, é uma inquirição filosófica de vários assuntos científicos, seguindo o estilo das “disputas”, populares na época. Em sua introdução, Dante escreve: “Portanto, nutrido como fui desde minha infância com o amor à verdade, sofri para não ficar fora do debate, mas

optei por mostrar qual era a verdade nele, e também por refutar todos os argumentos contrários, tanto por amor à verdade quanto por ódio à falsidade”.¹¹ Entre a primeira e a última menção à necessidade de questionar estende-se todo o território da obra-prima de Dante. *A divina comédia* inteira pode ser lida como a busca a partir da curiosidade de um homem.

Segundo a tradição patrística, a curiosidade pode ser de dois tipos: a curiosidade que é associada à *vanitas* de Babel, que nos leva a nos crermos capazes de feitos como o de construir uma torre que atinge os céus; e a curiosidade de *umiltá*, de estarmos sedentos por saber tudo que pudermos sobre a verdade divina, de modo que, como na prece de São Bernardo por Dante no último canto de *A divina comédia*, “suprema alegria lhe seja desdobrada”. Citando Pitágoras em seu *Convivio*, Dante descreveu uma pessoa que persegue essa saudável curiosidade exatamente como um “amante do conhecimento [...] um termo não de arrogância, mas de humildade”.¹²

Embora doutos como Boaventura, Siger de Brabant e Boécio tenham influenciado profundamente o pensamento de Dante, Tomás de Aquino, mais do que todos, foi seu *maitre à penser*: aquilo que *A divina comédia* de Dante é para seus leitores curiosos, os escritos de Aquino foram para Dante. Quando Dante, guiado por Beatriz, chega ao Céu do Sol, onde os prudentes são recompensados, uma coroa de doze almas abençoadas circula em torno deles três vezes ao som de música celestial, até que uma delas aparta-se da dança e fala com ele. É a alma de Aquino, que lhe diz que, como o verdadeiro amor finalmente foi aceso em Dante, Aquino e as outras almas abençoadas devem responder a suas perguntas, pelo mesmo amor. De acordo com Aquino, e seguindo os ensinamentos de Aristóteles, o conhecimento do deus supremo é tal que uma vez adquirido nunca poderá ser esquecido, e a alma abençoadas com esse conhecimento estará

sempre ansiosa por retornar a ele. O que Aquino chama de “sede” de Dante deve ser inevitavelmente satisfeita: seria impossível não tentar aplacá-la “assim como é impossível à água não fluir de volta para o mar”.¹³

Tomás de Aquino nasceu em Roccasecca, no Reino da Sicília, herdeiro de uma família nobre bem íntima da aristocracia europeia: o sacro imperador romano era seu primo. Com cinco anos de idade, começou seus estudos na célebre abadia beneditina de Monte Cassino. Deve ter sido uma criança insuportável: diz-se que depois de permanecer em silêncio na sala de aula durante muitos dias, a primeira coisa que pronunciou foi uma pergunta a seu professor: “O que é Deus?”.¹⁴ Aos quatorze anos, seus pais, apreensivos com as divisões políticas na abadia, o transferiram para a recém-fundada Universidade de Nápoles, onde começou seu infindável estudo de Aristóteles e seus comentaristas. Durante seus anos de universidade, por volta de 1244, decidiu ingressar na ordem dominicana. A opção de Aquino de tornar-se um frade dominicano mendicante escandalizou sua família aristocrática. Ela o sequestrou e o manteve confinado durante um ano, esperando que reconsiderasse a decisão. Ele não o fez, e uma vez libertado estabeleceu-se por algum tempo em Colônia para estudar com o célebre professor Alberto Magno. Pelo resto da vida ele ensinou, pregou e escreveu, na Itália e na França.

Aquino era um homem de compleição grande, desajeitado e lento, características que lhe granjearam o apelido de “Boi Burro”. Ele recusou todas as posições de poder e prestígio, seja como cortesão ou como abade. Ele era, acima de tudo, um amante dos livros e da leitura. Quando lhe perguntavam pelo que ele mais agradecia a Deus, respondeu, “por me conceder o dom de compreender cada página que já li”.¹⁵ Acreditava na razão como meio de chegar à verdade, e elaborou, com a filosofia aristotélica, laboriosos argumentos lógicos para chegar, em certa medida, a uma

conclusão quanto às grandes questões teológicas. Por isso ele foi condenado, três anos após sua morte, pelo bispo de Paris, que sustentava que o poder absoluto de Deus não precisava de quaisquer ninharias da lógica grega.

A maior obra de Tomás de Aquino é a *Suma Teológica*, um amplo levantamento das principais questões teológicas, cuja intenção, diz ele no prólogo, é “não só ensinar aos proficientes, mas também instruir os iniciantes”.¹⁶ Ciente da necessidade de uma apresentação clara e sistemática do pensamento cristão, Tomás de Aquino fez uso das obras de Aristóteles então recentemente descobertas, traduzidas para o latim, para construir um arcabouço intelectual que sustentasse os por vezes contraditórios escritos canônicos cristãos fundamentais desde a Bíblia e os livros de Santo Agostinho até as obras dos teólogos contemporâneos. Tomás de Aquino ainda estava escrevendo a *Suma* poucos meses antes de sua morte, em 1274. Dante, que só tinha nove anos quando Aquino morreu, pode ter conhecido alguns dos discípulos do mestre na Universidade de Paris se (como diz a lenda) visitou a cidade quando ainda era jovem. Seja por meio dos ensinamentos dos seguidores de Aquino seja por suas próprias leituras, Dante certamente conhecia e fez uso da cartografia teológica de Aquino, assim como conheceu e fez uso da invenção de Agostinho de usar o protagonista em primeira pessoa, ao relatar a jornada de sua vida. E certamente conhecia seus dois argumentos concernentes à natureza do espírito inquisitivo humano.

O ponto inicial de todas as buscas é, para Aquino, a célebre declaração de Aristóteles: “Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”, à qual Aquino se refere várias vezes em seus escritos. Ele propôs três argumentações para explicar esse desejo. A primeira é que cada coisa anseia naturalmente sua própria perfeição, o que vale dizer, tornar-se totalmente consciente de sua natureza e não meramente ser capaz de adquirir essa consciência;

isso, nos seres humanos, significa adquirir um conhecimento da realidade. A segunda, que tudo tende a sua ação própria: assim como o fogo tende a aquecer e as coisas pesadas a cair, os homens estão inclinados a compreender, e, consequentemente, a saber. A terceira, tudo quer se unir ao que é seu principal — o fim a seu início — no mais perfeito dos movimentos, o do círculo; somente mediante o intelecto esse desejo é realizado, e através do intelecto é que cada um de nós fica unido a nossas substâncias separadas. Portanto, conclui Aquino, todo conhecimento científico sistemático é bom.¹⁷

Aquino salienta que Santo Agostinho, numa espécie de errata de parte de sua obra, chamada *Retratações*, observou que “há mais coisas buscadas do que achadas, e das coisas que são achadas, poucas são as confirmadas”. Isso, para Agostinho, era uma declaração de limites. Aquino, citando outra obra do prolífico Agostinho, observou que o autor das *Confissões* tinha advertido que permitir à nossa curiosidade inquirir sobre tudo que existe no mundo poderia resultar no pecado do orgulho e com isso contaminar a autêntica busca da verdade. “Tão grande é o orgulho assim originado”, escreveu Agostinho, “que se poderia pensar que eles habitam os mesmos céus sobre os quais discutem.”¹⁸ Dante, sabendo-se culpado do pecado do orgulho (pecado pelo qual, lhe dizem, voltará ao Purgatório depois de sua morte) pode ter tido essa passagem em mente quando visita os céus, no *Paraíso*.

Aquino leva mais além a preocupação de Agostinho, alegando que o orgulho é apenas a primeira de quatro possíveis perversões da curiosidade humana. A segunda envolve a incursão em questões menores, como ler literatura popular ou estudar com professores inidôneos.¹⁹ A terceira ocorre quando estudamos coisas deste mundo sem referência ao Criador. A quarta e última, quando estudamos o que está além dos limites de nossa inteligência individual. Aquino condena essas espécies de curiosidade só

porque elas nos distraem do maior e mais pleno impulso da exploração natural. Nisso, ele ecoa Bernard de Clairvaux, que escrevera um século antes: “Há pessoas que querem saber apenas em nome do próprio saber, e isto é uma curiosidade escandalosa”. Quatro séculos antes de Clairvaux, Alcuin de York, com maior generosidade, definiu a curiosidade nesses termos: “No que tange à sabedoria, você a ama em nome de Deus, em nome da pureza da alma, em nome de conhecer a verdade e mesmo em nome dela mesma”.²⁰

Como se fosse uma inversão da lei da gravidade, a curiosidade faz com que a experiência do mundo e de nós mesmos aumente quanto mais perguntamos se a curiosidade nos ajuda a crescer. Para Dante, seguindo Aquino, seguindo Aristóteles, o que nos impele é um desejo do bem ou de um aparente bem, vale dizer, em direção a algo que sabemos que é bom ou que nos parece ser bom. Alguma coisa que existe em nossa capacidade de imaginar nos revela que algo é bom, e alguma coisa em nossa capacidade de questionar nos impele em direção a isso, por meio de uma intuição quanto a sua utilidade ou a seu perigo. Em outros casos, visamos ao bem inefável simplesmente porque não compreendemos alguma coisa e buscamos uma razão para isso, assim como buscamos uma razão para tudo neste universo desarrazoado. (Em meu caso particular, essas experiências frequentemente vêm de leituras — por exemplo, refletindo junto com o dr. Watson sobre o significado de uma vela que arde na charneca numa noite escura como breu, ou perguntando, com o mestre, por que uma das botas novas de Sir Henry Baskerville foi roubada no Hotel NorThumberland.)

Como num mistério arquetípico, alcançar o bem é sempre uma busca constante, porque a satisfação de uma resposta obtida de forma simples leva a se fazer outra pergunta, e assim por diante, infinitamente. Para o crente, o bem é equivalente à divindade:

os santos o atingem quando não estão mais em busca de nada. No hinduísmo, jainismo, budismo e siquismo, este é o estado de *moksha*, ou nirvana, de “ser apagado com um sopro” (como uma vela) e refere-se no contexto budista à imperturbável quietude da mente depois que os fogos do desejo, da aversão, e da ilusão se extinguiram, à conquista da inefável beatitude. Em Dante, como definiu o grande crítico do século XIX, Bruno Nardi, este “fim da busca” é “o estado de tranquilidade no qual o desejo se aquietou”, ou de outro modo, “o perfeito acordo da vontade humana com a vontade divina”.²¹ Vontade de conhecimento, ou curiosidade natural, é a força inquisitiva que impele Dante a partir de dentro, assim como Virgílio e, mais tarde, Beatriz, são as forças inquisitivas que o levam a partir de fora adiante. Dante permite-se ser levado, dentro e fora, até não mais precisar de nenhum deles — nem do desejo íntimo nem do ilustre poeta ou da bendita amada — quando finalmente se confronta com a suprema e divina visão ante a qual imaginação e palavras são insuficientes, como ele nos conta no famoso encerramento de *A divina comédia*:

*À fantasia foi-me a intenção vencida;
mas já a minha ânsia, e a vontade, volvê-las
fazia, qual a roda igualmente movida*

*o Amor que move o Sol e as mais estrelas.*²²